

PASSIANI, Enio. Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. Bauru (SP): Edusc, 2003. 276p.

CHARLES DA FONSECA LUCAS*

Nesta modesta resenha, assumimos o pretensioso compromisso de apreender os argumentos centrais dos escritos constituintes de *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*, cunhados com proeminência pelo paulistano Enio Passiani (1968-), doutorando em Sociologia (USP), mestre em Sociologia (USP, 2001) e bacharel em Ciências Sociais (USP, 1993).

Contemplada com o Prêmio José Albertino Rodrigues de melhor dissertação de mestrado no 1º Concurso CNPq-Anpocs de Obras Científicas e Teses Universitárias em Ciências Sociais – Edição 2002, essa produção granjeou a propagação do seu fulgor na inédita publicação de 276 páginas garantida na cidade de Bauru/SP pela Edusc, em co-edição com a Anpocs, no ano de 2003, desvelando, concomitantemente, sua alma mater no título autoral manifesto como prenúncio totalizador dos vestígios da complexa tessitura, que foi urdida com primor na interioridade de um entramelar argumentativo medrado no exórdio da profa. dra. Maria Aminda do Nascimento Arruda (USP), prelúdio, quatro capítulos, considerações finais e referências bibliográficas.

Deveras, Passiani lança mão de uma pena homeopaticamente calibrada pelos seus esforços reflexivos e analíticos com a finalidade de palmilhar alguns dos caminhos traçados e/ou vivenciados na trajetória sociobiográfica do paulista de Taubaté José Renato (ou José Bento) Monteiro Lobato (1882-1948). Com essa lufada,

notabilizamos o enclausuramento lobatiano em dois intervalos de tempo da nossa história e literatura. Da nascença no Império (1822-1889), precisamente no Segundo Reinado (1840-1889), até a sua migração definitiva para a República (1889 ao momentum hodierno), pelas sendas dos governos militares dos marechais-de-campo Manuel Deodoro da Fonseca (1889-1891) e Floriano Vieira Peixoto (1891-1894), República Velha (1894-1930), Revolução de 30, Junta Militar Provisória (1930), governos de Getúlio Domelles Vargas (1930-1945), José Linhares (1945-1946) e Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), Lobato foi posicionado entre o realismo-naturalismo e o modernismo, entronizando determinadas rugosidades do passado (tradição) e promessas do futuro (modernidade) em um presente que exara suas conturbações e contraversões no polissêmico termo pré-modernismo, lapidado com pervicácia por Passiani.

Na trilha do Jeca, Passiani apresenta Lobato como leitor assíduo da biblioteca do avô no decorrer da puerilidade e juventude, que seguiu avante com seus estudos na cidade de São Paulo/SP. Apesar de uma tentativa frustrada em 1895, ingressou, após uma segunda oportunidade no ano de 1896, como interno no Instituto de Ciências e Letras, em qual lugar participou ativamente do Grêmio Literário Álvares de Azevedo e de modo profícuo na impressão bimestral *O patriota*. Contrariando o seu almejo de estudar na Escola de Belas Artes para agradecer o avô, o Visconde de Tremembé, e restaurar os capitais sociais e econômicos de sua linhagem, Lobato tornou-se estudante da

* Mestrando em Sociologia (IUPERJ).
E-mail: charlleslucas@ig.com.br

Faculdade de Direito do Largo São Francisco em 1900 e, em seguida, membro e crítico literário do grupo Cenáculo, que se reunia inicialmente no Café Guarani e mais tarde na sua morada (república) estudantil O Minarete. Nessa ocasião, contribuiu nos jornais O Minarete, O Combatente, O Povo etc. Com o título de bacharel em Direito, obtido em 1904, conseguiu ser nomeado em um concurso público com mais de cem candidatos para a promotoria pública da cidade de Areias (SP) em 1905, depois do pedido bosquejado pelo avô em atividade epistolar ao general Glicério. Nessa pequena localidade, Lobato principia as traduções de textos do Weekly Times para O Estado de São Paulo em 1908 e colabora nos jornais A Tribuna, de Santos, e A Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro. Entretanto, Lobato regressa às suas raízes com a morte do avô em 1911, herdando, junto com suas duas irmãs, inúmeros haveres (herdades, moradas etc.), entre eles, a Fazenda Buquira, vendida em 1917. Sendo assim, Lobato transmuta-se em fazendeiro e literato sensibilizado pelas questões e dilemas campestres/nacionais. Não é por menos que vai extravasar as suas inspirações, oriundas dessa sensibilidade, em uma produção regular n' O Estado de São Paulo e na Revista do Brasil. Aventado pelo seu projeto, Lobato adquire em 1918 a Revista do Brasil (lançada em 1916) e institui a Editora Monteiro Lobato & Cia. em 1919, passando a editar os seus artigos e livros, bem como material de escritores novatos e coroados que julgava apto a ser publicado, dentre os quais: Vicente de Carvalho, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Lima Barreto, Manuel Antônio de Almeida, Assis Cintra, Oliveira Vianna, Graça Aranha, Gilberto Amado, Paulo Prado, Hans Staden etc. No mesmo ano, Lobato rascunha um embate capitulado com a Academia Brasileira de Letras (doravante denominada ABL). Não obstante, a conjuntura decretou o declive lobatiano em 1925, consolidado pela sua válvula de escape romancista em 1926.

A externalização de uma sensibilidade arguta internalizada ao longo dos tempos, e conseqüentemente cultivada como modus operandi diante de um contexto marcado por renomeados fatores político-institucionais e socioeconômicos, com suas respectivas nature-

zas conjuntural e estrutural atravessadas pela história e cultura, tomou-se uma característica essencial de Lobato, projetada na sua pluralidade identitária e nos desdobramentos gerados pelo gozo de uma diversidade de ofícios. Passiani resgata essa sensibilidade na confecção da justificativa ("Por que estudar Lobato?") e no trato das temáticas em tela, desde então provido da prerrogativa temporal concedente de uma maior envergadura operacional, visto que polifoniza um pretérito próximo e perfeito, todavia distanciada e imperfectibilizada pelo silêncio perene de um multivocalismo abrasador. Adrede, Passiani elege esse percurso e, simultaneamente, uma lógica persecutória e persecutiva de pistas distribuídas pelo acaso em um jogo de quebra-cabeças, no qual cada peça transporta em si uma organização peculiar. Nesse contexto, explicita a primazia de quatro indícios circunscritos em Lobato: a peleja com os modernistas e a ABL, sem suprimir os confrontos com o governo Vargas; a sociobiografia de um homem de três tempos (passado, presente e futuro), tatuado pelos constrangimentos, consagrações e contingências nas veredas da materialidade e do simbolismo; o projeto artístico bipartido em literatura e editorial, porém unificado na segura parte em editor/literato, e o necrológio de Mário de Andrade, enunciando o falecimento simbólico de um vivo que escolheu e foi escolhido pelo caminho. O somatório das peças desmistifica a aparente desorganização, revelando o campo literário por intermédio das contendas que foram engendradas entre os agentes no bojo do próprio campo, em destaque, durante a intervenção lobatiana na periodicidade de sua formação incipiente, embora já estivesse em curso; nas investidas da ABL e do governo varguista com o intento de captar Lobato para o interior de suas culturas organizacionais, e nos tentames do modernismo de ratificação do movimento como fundador da "verdadeira" história cultural e artística brasileira. Uma análise inocente, confinada no feixe da simplicidade, interpretaria esse movimento como um projeto fecundado nas entranhas da mais notória impregnação de jactância e cólera.

Destarte, Passiani utiliza-se da noção de formação, enraizada nas mentes e inscrita nos corpos dos brasileiros, por meio de um viés

ajoujado na passividade de ser compreendido em registro de equivalência com a noção de crítica para os alenães. Nesse empreendimento, Passiani permite que sua captura, cooptação e vivificação sejam angariadas pelo legado intelectual do auto-referenciável Pierre Bourdieu, como meio de coligir a noção de formação com a conjunção firmada entre campo e literatura, evidenciando o campo literário como sinédoque do campo intelectual e locus preferencial de sua atuação investigativa nesse enredamento de agentes, agências, tomadas de posições, posicionamentos, disposições, *illusio*, violência simbólica, *habitus* e capitais.

Sociologizar a literatura, a cultura e a história, Passiani demonstra que a procedência da querela entre os modernistas e Lobato jaz nas rugosidades do passado descortinadas pelos modernistas como fragmentos de uma tradição (atraso) que deveria ser repudiada pela modernidade; alhures, Lobato representa uma promessa de malefício à apetência modernista devido a sua posição hegemônica no campo, conquistada paulatinamente, em especial com as colaborações n' *O Estado de São Paulo* e na *Revista do Brasil*, e consolidada momentaneamente com a apropriação desse último periódico e a fundação da Editora Monteiro Lobato & Cia. Com isso, corroboram-se as motivações indutivas do apreço modernista por Graça Aranha e da gestação de um sentimento funesto em relação à Lobato. Passiani espreita com singularidade o espírito revolucionário lobatiano pensado sobre o mercado editorial (redação, publicação, divulgação, circulação e consumo) em níveis editoriais (inclusive gráficos) e literários. A desteridade voltívola de Lobato delineou o afã de vilipendiar o *status quo*, para tanto mirou o leitor como alvo prioritário nesse processo, instaurando adequações entre livro e leitor até lograr a profanação dos livros e o crescimento estapafúrdio do mercado consumidor com a ampliação estróina do público-leitor em condições plenamente adversas (delatadas parcialmente nos elevados índices de analfabetismo em território nacional); agregação de direitos na profissionalização do escritor, e livre escolha dos preceitos regentes das solidificações e incertezas do campo literário. Nesse ínterim, a confluência de uma série de ocorrências domésticas e

internacionais no início do decênio vindeiro comprometeu pontos vitais do projeto artístico lobatiano em vigência ao desferir um golpe letal na Monteiro Lobato & Cia. em 1925, extirpando bens materiais e simbólicos arraigados na economia de trocas em que se fazia partícipe. Dispersos em variados escalões e consubstanciados de elevado frenesim, os arautos a serviço daquela plêiade anunciam, direta e indiretamente, o conflito que passa a ser cadenciado com azáfama, encontrando ecos nos historiadores e críticos literários dessa época até os dias de hoje, a saber: Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, Mário da Silva Brito, o Grupo Clima (análise centrada por Passiani em Lourival Gomes Machado e Antonio Candido) e outros. Vulnerabilizado pela precarização de capitais, Lobato tem a sua posição privilegiada no campo subtraída pelos modernistas no decurso da sacralização do oportunismo expresso no necrológio firmado por Mário de Andrade, na edição de 13/5/1926 do jornal carioca *A Manhã*, como decreto da morte simbólica de Monteiro Lobato.

A plasticidade do infortúnio lobatiano amplia-se com *O presidente negro* (1926), quando Lobato, contista por excelência, tenta adentrar com o gênero romance nos mercados editoriais estadunidense e, ulteriormente, no brasileiro. Sem conhecer as demandas do primeiro e desrespeitando a agenda temática corrente do segundo, os resultados vitrinizam o malogro nos dois campos: publicação não-recomendada nos Estados Unidos e abatimento mercantil e crítico no Brasil. A nova forma e conteúdo preconizados por Lobato encerravam drasticamente um período fértil de criatividade e elaboração textual, destoando em distintas matizes dos traços marcantes do seu compósito kantiano original, alicerçado em: autenticidade (valorização da oralidade lingüística ou da coloquialidade em detrimento da artificialidade do registro erudito); nacionalismo (celebração dos regionalismos e ablegação dos estrangeirismos); invenção (bordagem diligente de neologismos); inovação (musicalização da escrita com o emprego de onomatopéias); realismo (escárnio diante do romantismo); consciência nacional (dilapidadora de um ufanismo de acomodações, desabrocha constantemente no redigir lobatiano, bem exemplificada, entre os exemplos, nos

comentários revestidos de ferocidade sobre o empreguismo público e o Estab); síntese (paragem do libelo debuxada na arte de encaixilhar positivamente os emparelhamentos modernidade/tradição e literato/editor); crítica (átrio de todos os aparágios) etc. Passiani narra esse período com desvelo, perquirindo os livros reunidores de contos *Urupês* (1918), *Cidades mortas* (1919) e *Negrinha* (1920), além do romance já citado, embora não reserve uma seção formal como nos demais. Nas entrelinhas dessa empreitada, Passiani sublinha uma distinção crucial entre *O Sacy-Perêrê*: resultado de um inquérito (1918) e *Urupês*, no que se refere ao livro da pré-estréia lobatiana e a sua obra de estréia e iniciação no circuito literário.

Em 1927, Lobato viaja em direção aos Estados Unidos para ocupar o cargo de adido comercial do Brasil em Nova York, sem interromper os trabalhos de tradutor e produtor cultural. A flexibilidade lobatiana chancela a retomada do gênero literário infanto-juvenil de maneira mais arrojada, uma vez que escreveu 46 livros nesse estilo a partir de 1927 em diante, enquanto de *Narizinho Arrebitado* (1921) a 1926 havia publicado somente sete obras.

Definitivamente, Lobato vai ser reconhecido e consagrado como célebre autor de histórias infanto-juvenis. Retorna às terras brasileiras no ano de 1931, como panfleteiro político nas campanhas de exploração do petróleo e ferro e edificador da empresa de exploração petrolífera Companhia Petróleo Nacional. Dessa forma, surgem os livros *Ferro* (1931), *América* (1932), *Na antevéspera* (1933) e *O escândalo do petróleo* (1936). Em 1940, Lobato abjura o convite para conduzir a pasta ministerial de propaganda. O regurgitamento da dívida varguista faz Lobato conhecer a reclusão política do Estado Novo, em datas variadas de 1941 até a sua condenação e cumprimento parcial da pena em razão do indulto presidencial.

O último ato ou cena dessa descrição pomemorizada não poderia abster-se de epilogar uma epígrafe sobre esse admirador de Lima Barreto e Euclides da Cunha. Cronista, contista, literato infanto-juvenil, ensaísta, romancista, panfleteiro, crítico literário, artístico e social, Monteiro Lobato foi, mui docemente, imortalizado como muguet e muirapinina (*Brosimum guianense*), descarecendo da imortalização oferecida pelos acadêmicos de farão.